

## (Re)memória de um tempo passado em *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum

Mestranda Francisca Laila Ribeiro Pinto<sup>i</sup> (UFPB)  
Profa. Dra. Liduina Maria Vieira Fernandes<sup>ii</sup> (UECE)

### Resumo:

*Este artigo tem como escopo investigar a construção da (re)memória de um tempo que já se passou no romance **Relato de um certo Oriente**, de Milton Hatoum em que narra a saga de uma família de imigrantes libaneses no Brasil. A leitura realizada fundamenta o resgate dos fatos passados através das memórias que constroem o relato, evocado pela tessitura de uma narradora anônima que tenta reencontrar o tempo perdido. O diálogo dessas narrativas polifônicas interligadas por uma única voz para desencadear o romance conta com os pressupostos teóricos de BERGSON (1999), SANTO AGOSTINHO (2004), RICOEUR (1997) e NUNES (2003). Este trabalho propõe uma análise do romance a partir da relação entre as lembranças de um tempo que não existe e que são evocadas para construção de uma memória que se forma por meio de outras.*

**Palavras-chave:** Memória, Tempo, Relato

### 1 Breve gênese do *Relato*...

Publicado em 1989, o romance **Relato de um certo Oriente** é o livro de estreia do escritor Milton Hatoum no cenário das letras, sendo laureado com o Prêmio Jabuti. A crítica e o público confirmam a posição privilegiada quanto à produção ficcional contemporânea tendo em vista a tradução do livro para diversos países. A afirmação resulta de aspectos presentes na obra cuja fortuna crítica é significativamente diversificada.

De início, essa fortuna crítica produzida por quase duas décadas detalha as questões socioculturais motivadas pela construção memorialística do tempo passado, representado pela vivacidade da narradora e alguns personagens. O romance conta a história de uma família de origem libanesa ambientado em Manaus em princípios do século XX. A narração dos fatos e experiências passadas é um “relato” de teor epistolar de cunho memorialístico.

O **Relato de um certo Oriente**, talvez, cause em alguns leitores uma certa estranheza quanto a sua estrutura de encaixes percebida na alteração das vozes que compõem o relato. Mas, Milton Hatoum deixa claro que a própria memória se arranja desse modo. O tempo narrativo, presente na escrita do romance, é um tempo fragmentário, que reflete a estrutura de vaivém de funcionamento da memória.

### 2 As histórias de um relato

A narrativa de **Relato de um certo Oriente** compõe-se por um mosaico de vozes que se inicia pelo anonimato da voz da narradora – que à não reconhecemos como tal, mas que se revelará adiante –, que será substituída pela voz de Hakim, seu tio, em seguida pelo fotógrafo Dorner, depois pela voz do pai da narradora, novamente por Dorner, continua com tio Hakim, retornando à narradora no antepenúltimo capítulo que em seguida é narrado pela amiga íntima da família Hindié Conceição para, finalmente, ser encerrado pelo retorno da voz da narradora anônima que guia as demais vozes na construção do romance.

Essa construção polifônica é percebida no relato quando Hatoum cede espaço a cada

personagem o direito de voz dentro da composição da narrativa, já que a “as viagens da memória” da narradora são “plainadas” por sobre as vozes de outrem que ela indica pelo uso de aspas a cada início e término do relato (capítulo). Importa ressaltar que a cada voz da narrativa a história da narradora anônima está sendo “recontada” e não interrompida, mas continuada, sendo reordenada por uma única voz. Essa reconstrução do passado, que está em toda parte, permite que as histórias não se fechem ou mesmo que não possuam um fim absoluto, já que quando contamos nossa história desenvolvemo-la entre um início e um fim que, por hora, não nos pertence.

A variedade das personagens que emanam suas vozes narradoras suprime qualquer limite temporal claro, aproximando o tempo do narrador com o tempo da narração representado pelo desenvolvimento da narrativa que se resgata através da memória. Esses narradores múltiplos vão apresentando uma memória instável, lembrada e recontada pelo tempo que se completa e se interroga numa história em aberto, contra outra, por vezes interpretada.

Assim, a narradora, vai vasculhando o presente e o passado à procura de informações, em busca de vozes que a conduzam por meio dos labirintos de um tempo memorialístico, à primeira vista, distante. O lembrar dos fragmentos de histórias de **Relato de um certo Oriente** tenta preencher as lacunas do gesto rememorativo permitindo que cada personagem apresente a continuidade do seu passado.

O romance hatoumiano argumenta em sua forma narrativa o fato de que o tempo, a história e a consciência humana irão constituir os núcleos narrativos da epístola, abreviação de uma vida, que a narradora anônima enviará ao irmão, a escrita que nos contempla. A sucessão ordenada de momentos neutros que estrutura a família libanesa contém o começo no ponto onde mais um termina, como se cada momento narrado os outros fossem anteriores ao agora. Nas palavras de Walter Benjamin (1987. p. 222-32): “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.” O Filósofo projeta os passados narrados carregado de “agoras” em que as histórias possuem tempos atuais pontuadas em todas as direções.

Esse tempo que desencadeia uma nova história a cada oportunidade de relato povoa uma memória, por ora, limitada, chamando e acendendo outras memórias entre passado e presente, o tempo vivido e o do lembrando pelas personas figurando a presença do que fora narrado com o presente e este com que já ocorrera, antecedendo o passado. No conceito de Benedito Nunes (2003. p. 11)

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de *tempo* psicológico ou de *tempo* vivido, também chamado de *duração interior*. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. Variável de indivíduo para indivíduo, o *tempo* psicológico, subjetivo e qualitativo, por oposição ao *tempo* físico da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros, é a mais imediata e mais óbvia expressão temporal humana.

Tal experiência entre o presente e um passado distante e a de um presente vivido – um reencontro da meninice com a vida amadurecida – só ocasiona-se em uma percepção não cronológica do tempo, em um aspecto contado sem a continuação de um passado, mas de uma cadeia histórica fragmentada que lembra, constantemente, a própria memória num vaivém de lembranças.

Trata-se, pois, de uma narrativa aberta, composto pela modernidade, e que sua escrita não é definitiva, mas cheia de sentidos, de relatos incompletos à espera de outros que lhes deem seguimento – e indivíduos abertos, aptos a novos fragmentos que lhes completem o sentido que já

perpassam consigo. No **Relato...**, os recortes sobre o que contar da família se fazem presentes entre os mistérios e conflitos das personagens que são significativos para compreensão dos leitores, cuja narradora que monta interessa desvendar por meio das memórias a que tem acesso.

### 3 Memória: um passado que segue

A narradora busca o passado em conjunto com outras memórias narrativas, retornando a Manaus, lugar de sua infância, com o intuito de rever a matriarca Emilie, que alguns anos atrás acolhera a narradora e o irmão como se fossem seus filhos; tenta reconstruir ou rever aquilo que já se foi na ausência de anos de silêncio. Essas vozes memorialísticas são lembradas de várias maneiras, por meio dos fatos, dos espaços, das pessoas e dos objetos que marcam a narrativa. Entretanto o encontro nem sempre se completa, mas a busca do passado é o conhecimento de si mesma

[...] Para que atravessar a rua, se além do portão reinava o rumor de curiosidade e dor, tantos olhares turvos diante da morte?

Foi doloroso não ter visto Emilie, aceitar com resignação a impossibilidade de um encontro, eu que adiei tantas vezes essa viagem, presa na armadilha do dia a dia, ao fim de cada ano pensando: já é tempo de ir vê-la, de saciar essa ânsia, de enfronhar-me com ela no fundo da rede. (HATOUM, 2010. p. 122).

O encontro esperado é adiado por um tempo, talvez, sem volta e, até depois de bater à porta da casa de Emilie em busca de resposta, não consegue sua concretização e se vai, sem suspeitar que a matriarca ainda continuasse agonizando no interior da casa. A imagem de um encontro impossível, de retorno adiado, desdobrando-se num relato epistolar em que a irmã, narradora, escreve ao irmão, sobre sua viagem das lembranças memorialísticas de Manaus, que primeiramente destrói e adiante reconstrói, na leitura do romance de Milton Hatoum, cujo texto embarça-se com a carta sobre a qual a narradora nos mostra.

Em outras palavras, à medida que reconstrói essas lembranças escritas sua vida começa a existir, o que é estendida no decorrer da narrativa. A lembrança, nas palavras de Henri Bergson (1999. p. 155), “continua presa ao passado por suas raízes profundas”, e “uma vez realizada, não se ressentisse de sua virtualidade original, se não fosse, ao mesmo tempo que um estado presente, algo que se destaca do presente, não a reconheceríamos jamais como uma lembrança”. Restaurar essas lembranças de memória que continuam nas raízes profundas percorridas por um tempo ainda desconhecido, que a conduzirá a um rumo de histórias que será desfeita em uma única.

É esse lado marginal de um tempo passado que assombra as memórias que se querem fazer presente ao que poderá ser refeito de outra maneira, sem uma continuidade, mas em diálogo com elas em constante conflito. A lembrança, presente na memória da narradora, se deparará com outras memórias sendo que a busca oculta de sua infância pertence à rememoração da matriarca, ou seja, o lugar de encontro e confronto entre o espaço presente e o tempo passado.

Milton Hatoum entrega-se ao esvaziamento da mimese na forma de narrar através da dinâmica do lembrar que é, inerentemente, a dinâmica do esquecer. O relato tenta mostrar o refúgio das lembranças da memória que é interiorizada dentro dos sujeitos que dinamizam a narrativa, que sempre reduzido e, de certa forma, isolado em sua própria história, mas que uma se comunica com a outra arquitetando o romance. E essas memórias evocadas nos interiores de sensações são exteriorizadas em impressões resgatadas pela rememoração. Já que

em se tratando da percepção, ver-se-ão nela não mais que as sensações aglomeradas que a colorem; ignorar-se-ão as imagens rememoradas que formam seu núcleo obscuro. Em se tratando por sua vez da imagem rememorada, ela será tomada como algo pronto, concebida no estado de fraca percepção, e fechar-se-ão os olhos à lembrança pura que essa imagem desenvolveu progressivamente.

(BERGSON, 1999. p. 156).

E como se emergisse na imagem a lembrança, memória, que já fizesse parte dela numa condição original, aproximando essa imagem vista da percepção de algo que colocamos da própria imagem. A profundidade desse grau da memória involuntária é uma intensidade insondável, já que as cenas narradas ressurgem em imagens do passado relatadas a cada nova memória erigida por percepções do presente. No entanto, a narradora anônima guia as demais memórias que se propõem uma busca espontânea da memória em um retorno ao tempo, por ora, perdido.

Convém lembrar, que as personagens hatoumianas têm consciência do passado – de um tempo anterior aos registros da memória de cada um – em virtude da convivência uns com os outros. E cada passado é povoado por alguma história de outrem, situando o seu com dos demais, sendo, portanto, uma dimensão permanente da memória humana. No romance, o passado é uma construção constante, e é sabido que a reconstrução de um interfere nos acontecimentos da vida de outros. O passado individual é, portanto, marcado pela memória social cuja narradora, ao chegar à cidade, traz consigo o material para que possa registrar o passado de um presente nas histórias, nas observações de impressões da memória

levava comigo apenas o alforje com algumas roupas, um pequeno álbum com fotos, todas feitas na casa de Emilie, a esfera da infância. Não esqueci o meu caderno de diário, e, na última hora, decidi trazer o gravador, as fitas e todas as cartas. Na última, ao saber que vinha a Manaus, pedias para que eu anotasse tudo o que fosse possível: “Se algo inusitado acontecer por lá, disseque todos os dados, como faria um bom repórter, um estudante de anatomia, ou Stubb, o dissecador de cetáceos”.

O teu presságio me deu trabalho. Gravei várias fitas, enchi de anotações uma dezena de cadernos, mas fui incapaz de ordenar coisa com coisa. (HATOUM, 2010. p. 147).

Assim, a articulação da busca rememorativa é feita pela narradora que vai a todo o momento vasculhando, ativando o presente e passado desenrolando a história. O fragmento que compõe o movimento de lembrar a história rememora-se no despertar de uma narração repleta de memórias, trazendo à tona um passado sombrio, uma infância escura, carregada de segredos, mas que tenta na lembrança do passado trazer o presente e, nesse gesto, transformar ambos.

O gesto da narradora de se desempoeirar de um passado melancólico dirigido por um tempo perdido, pueril, sem volta, é também um tentar atingir a menor distância de trazer um passado sob a vista do presente, esperando salvar o passado num presente. Diria Erick Auerbach (2009. p. 483) que “a intenção de aproximação da realidade autêntica e objetiva mediante muitas impressões subjetivas, obtidas por diferentes pessoas, em diferentes instantes, é essencial para o processo moderno que estamos considerando”.

A narradora diferencia-se desse subjetivismo unipessoal, pois sua voz só se concretiza com a fala de outras vozes considerando suas visões de realidade. Há uma estreita afinidade entre o narrar individual e subjetivo e a pluripessoal já que ambas se entrecruzam de tal forma que se observa uma representação de uma consciência única quanto ao tratamento do tempo.

#### 4 O tempo de uma memória

Em o **Relato de um certo Oriente**, a interrogação, acompanha incessantemente, sobre o tempo e a memória de modo inseparável, que questiona quem narra e a própria instância narrada. A questão de como o tempo é representado dentro do romance hatoumiano é o desdobramento do sentido da narração.

Santo Agostinho estabelece em suas **Confissões** uma reflexão inerente sobre o tempo, definindo-o na sua afinidade com a dinâmica de corpos externos, aqui, aqueles que também narram

através de sua memória e história, seres que nascem e morrem numa temporalidade, mas que são conscientes desses acontecimentos numa condição de cunho temporal e mortal. Como afirma o filósofo (2004. p. 271), “minha infância, por exemplo, que não existe mais, pertence a um passado que também desapareceu; mas quando eu a evoco e passo a relatá-la, vejo suas imagens no presente, imagens que ainda estão em minha memória”.

Portanto, quando as vozes que narram o romance descrevem acontecimentos vividos no passado, o que relembram não são os fatos em si, que por fato já deixaram de existir, mas as palavras que exprimem as imagens do relato que por meio das impressões e dos sentidos estão gravados na memória. O passado vivido e “perdido” se embarçará com o passado narrado a pedido do irmão da narradora

confesso que as tentativas foram inúmeras e todas exaustivas, mas ao final de cada passagem, de cada depoimento, tudo se embaralhava em desconexas constelações de episódios, rumores de todos os cantos, fatos medíocres, datas e dados em abundância. Quando conseguia organizar os episódios em desordem ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitavam o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a sequência de ideias. (HATOUM, 2010. p. 147).

O silêncio e o tempo, revividos por meio da memória, se articulam na arquitetura enquanto estratégia da narrativa. Esse beco sem saída do tempo se presta à construção narrativa, como observa Paul Ricoeur (1997. p. 59) quando fala de “um ‘**encadeamento** do tempo’, em que cada evento recebe um **lugar** diferente”. A intenção da trama é descrita entre a ancoragem e a relembração num único movimento temporal. A finalidade de um acontecimento relembrado por esse único encadeamento compõe uma intencionalidade a mais que se soma à licença interior da relembração, que de maneira suposta reflete a da ancoragem. Essa finalidade é o que permite a narradora caracterizar como passado, presente ou futuro os encadeamentos de tempo que apresentam conteúdos diversos, feitas por diferentes vozes, mas que ocupam um mesmo lugar no sentido do encadeamento do tempo.

Se quisermos caracterizar esse encadeamento temporal que é narrado em **Relato de um certo Oriente**, perceberemos que o encadeamento do tempo vivido pela composição das personagens em sua atividade cronológica não coincide com a narração desse encadeamento dentro do romance. Talvez porque, por parte dessa memória que narra, não significa narrar o passado – o tempo vivido –, mas sim narrar a essência temporal de fato num ritmo que marca a transformação de nossa história interior.

A busca constante desse passado no presente, como uma forma possível de se apontar o futuro, o devir essencial do romance moderno, possibilitando o pulsar do tempo na construção do possível presente, este encarregado de organizar, em conjunto com a memória, os pedaços dentro de sua visão, que não se enxerga da mesma forma como os fatos ocorrem. A (re)memória do passado é reanimada pela narradora anônima por diferentes recursos, seja um cheiro, um lugar, uma voz que ataçam a memória perdida, percebido no desenho deparado na parede

fiquei intrigada com esse desenho que tanto destoava da decoração suntuosa que o cercava; ao contemplá-lo, algo latejou na minha memória, algo que te remete a uma viagem, a um salto que atravessa anos, décadas. Perguntei à empregada quem o desenhara; ela não soube dizer e até ignorava a existência do quadro de papel na sala onde todas as manhãs ela entrava para fazer a limpeza. (HATOUM, 2010. p.11).

O presente, para ser tempo, deve regressar ao passado, no romance, acionado pela memória através do desenho, temos o tempo recuperado por relatos, tornando o presente um momento vivido pela narradora. A sensação desencadeada pela imagem do quadro de papel reaviva lembranças espontâneas, como se presenteasse um fragmento do passado da narradora que a rodeara.

A busca desse tempo que, por ora, está perdido findava-se no tempo reconstruído, em que nem presente e nem passado, nem composição de ambos, mas um comum que é essencial aos dois. Ao apropriar-se da memória do relato das personagens, a narradora anônima reapossa-se de si mesma, do seu eu nas outras pessoas, e na certeza atemporal das coisas, confirmando, também, que a revivescência do passado no presente afasta o presente do andamento do tempo. Para Santo Agostinho (2004. p. 279)

de fato, medimos o tempo; mas não o tempo que ainda não existe, nem o que já não existe, nem o que não tem duração alguma, nem o que está passado. Não é, portanto, nem o futuro, nem o passado, nem o presente, nem o que não tem limites que medimos: e, contudo, medimos o tempo.

Constitui ao mesmo tempo a ambiguidade do tempo reencontrado, como sentido de existência. A descoberta da busca de medida do tempo da narradora interrompe a dominância do tempo cronológico pela duração, pois o momento do reencontro parece interromper o fluxo da memória, adormecida num intervalo de êxtase, sem passado e nem futuro, mas um fio da rememoração, por meio dos relatos, que conduzirá a narradora ao termo de sua busca.

E dessa rememoração reencontrada surge, de forma mais fidedigna e real do que qualquer passado vivido, o mundo da sua infância à luz da representatividade, e assim ela começa a narrar. No romance, mantém-se a presença de “eu” narrativo, embora apareçam os “eus” de vozes, que não se trata de narradores, mas de uma personagem subjetiva enredada na ação. No surgimento do passado no presente dentro da memória vê-se a narradora ordenando os fatos de uma forma em que a cada momento o real acontecia parecendo presentemente.

## Conclusão

No trajeto junto ao tempo labiríntico da memória proporcionado no romance de Milton Hatoum investigamos a dimensão fragmentária e incompleta que está na base de toda relembração subjetiva. A memória presente com seus desdobramentos e significações que se multiplicam pela dimensão memorialística dos personagens que constroem a narrativa, com suas limitações de (re)memória.

O **Relato...** que faz o cruzamento do Oriente com a Amazonas, “como entidades geográficas e culturais – para não falar das entidades histórias –, os lugares, regiões e setores geográficos tais como o ‘Oriente’ e o ‘Ocidente’ são feitos pelo homem”, bem como nos lembra Edward Said (1990, p. 16); dois mundos imagináveis e desejados através da escrita, a busca constante do seu lugar comum, por meio do outro, o outro em você. Assim, “conhecemos” de um lado a outro do cruzamento ou dele já ouvimos mencionar.

A reprodução da pintura memorialística contada de um oriente-amazônico, declarado por Milton Hatoum, constitui um pêndulo enfeitiçado que aludia a um certo tempo de várias lembranças. Em verdade, sentimo-nos no interior do pensamento da narradora apontado pela construção desse tempo memorialístico que se materializou na escritura. Por fim, **Relato de um certo Oriente** poetiza que contar uma história é sempre uma experiência nova, de lembranças utópicas que só existem na memória, instância esta recontada por um tempo vivido que se rememora.

## Referências Bibliográficas

- 1] AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Alex Martins. São Paulo: Nova Martin Claret, 2004
- 2] AUERBACH, Erick. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009

- 3] BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos)
- 4] BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas, v.1. p. 222-232
- 5] HATOUM, Milton. *Relato de um Certo Oriente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010
- 6] NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Fundamentos)
- 7] RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. (Tomo III). Trad. Roberto Leal Ferreira; rev. Maria da Penha Villaça-Petit. Campinas, SP: Papyrus, 1997
- 8] SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como investigação do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

---

**i Autor(es)**

**Francisca PINTO, Mestranda**

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
Departamento PPGL, Literatura  
lailsalavigne@gmail.com

**ii Liduina FERNANDES, (Profa. Dra.)**

Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
Departamento Curso de Letras, Literatura  
liduinafernandes@uol.com.br